

JORNADA DE UM IMBECIL ATÉ O ENTENDIMENTO

Autor: PLÍNIO MARCOS

personagens

**MANDRIÃO
TECO
MANDUCA
POPÔ
PILICO
TOTOCA**

(Esta peça possui duas versões anteriores. A primeira versão é OS FANTOCHES (1958), e a segunda é CHAPÉU SOBRE PARALELEPÍPEDO PARA ALGUÉM CHUTAR (1965). A versão definitiva, JORNADA DE UM IMBECIL ATÉ O ENTENDIMENTO, foi escrita em 1969.)

PRIMEIRO ATO

(ENTRAM MANDRIÃO E TECO. O PRIMEIRO MASCA SEU CHARUTO NERVOSAMENTE E O SEGUNDO TEM UMA EXPRESSÃO DE BEATO.)

MANDRIÃO – Você tem que dar um jeito. Nisso é que não pode ficar.

TECO – Eu faço o que posso.

MANDRIÃO – O que é muito pouco.

TECO – Mas que tem sido suficiente.

MANDRIÃO – Foi suficiente. Agora é preciso mais. Muito mais. Ontem, o que eles trouxeram? Nada!

TECO – A culpa é do Pilico, ele é que nos faz concorrência. Fica aí oferecendo vantagens aos nossos homens justamente durante o serviço. Essas vantagens, além de impossíveis de serem cumpridas, fazem com que nossos homens ambicionem melhores condições de vida. Isso nos leva fatalmente a uma crise econômica. Esse procedimento da parte do Pilico é condenável. O aliciamento que ele vem fazendo é antiético. Esse simples fato já merece a atenção da nossa parte. Porém o pior mesmo é que, com seu falatório, ele distrai o pessoal, que não consegue mais concentrar-se no serviço. E, em consequência, a produção diminuiu e as rendas caíram vertiginosamente. E com elas, naturalmente, as taxas para o deus Orongon.

MANDRIÃO – Você tem o dom de me explicar o óbvio.

TECO – Você acha?

MANDRIÃO – Acho. Tudo o que você disse eu já sabia. O que eu quero saber é o que você faz para impedir a evolução desse estado de coisas.

TECO (CÍNICO) – Rezo!

MANDRIÃO – Reza?

TECO – Rezo.

MANDRIÃO – Reza?!

TECO – Rezo.

MANDRIÃO – Idiota! Você é pago para criar mitos e superstições, não para rezar.

TECO – Rezar faz parte dos mitos.

MANDRIÃO – Mas não é rezando que você vai impedir que o Pilico me faça concorrência, nem vai impedir que a nossa gente se rebele.

TECO – Creio nos meus métodos. A alta dos preços dos ovos é episódica.

MANDRIÃO – Pois eu lhe digo que os seus métodos estão superados.

TECO – A prática apóia a minha teoria, pois há uma relativa diminuição da parte variável do Capital, simultaneamente com o progresso da acumulação e da concentração que acompanha isto.

MANDRIÃO – Então o que significa esse povo descontente?

TECO – Uma pequena minoria.

MANDRIÃO – Que cresce dia a dia.

TECO – Não seja alarmista. As coisas não são tão graves assim. Ainda temos o controle da situação.

MANDRIÃO – Sim, da situação temos, porém não temos o controle da oposição, e é essa justamente que me tira o sono.

TECO – Tome Nembutal.

MANDRIÃO – Não enche o saco! Você devia rezar menos e vigiar mais.

TECO – Mas é só isso que eu faço, orar e vigiar.

MANDRIÃO – Deve estar orando de olhos fechados e vigiando negligentemente para não ver os fatos.

TECO – Haverá algum fato que não esteja na minha paisagem imediata?

MANDRIÃO – Há vários.

TECO – Então conte... Eu adoro fofocas.

MANDRIÃO – Outra noite, após o jantar, você saiu para rezar. Todos o seguiram, menos o Manduca. Ele ficou conversando com o Pilico, conversando em tom confidencial. Não aguentando mais de... curiosidade, fingi que ia... fazer... bem, necessidades... e dissimuladamente fui para trás de uma árvore próxima, para escutar o que diziam.

TECO – Como você sabe que foi atrás da árvore? Poderia estar na frente.

MANDRIÃO – E onde é a frente da árvore?

TECO – Do lado oposto ao montinho de cocô.

MANDRIÃO – Como você sabe?

TECO – Elementar, meu caro Watson, todo mundo caga atrás da árvore.

MANDRIÃO – O que interessa é que eu escutei o que diziam.

TECO – O que diziam?

MANDRIÃO – Coisas de arrepiar.

TECO – Conta, conta.

MANDRIÃO – O Pilico convidava o Manduca para ir trabalhar com ele e, como sempre, oferecia vantagens enormes. Chegou até a falar em estabilidade!

TECO – E o Manduca?

MANDRIÃO – Recusou.

TECO – Que estúpido!

MANDRIÃO – Por quê?

TECO – Porque... porque fica falando com o Pilico.

MANDRIÃO – Ah, bom...

TECO – E o caso acabou aí? Isso prova que o Manduca está bem doutrinado.

MANDRIÃO – Acontece que o caso não acabou aí.

TECO – Bem... então conte.

MANDRIÃO – O Manduca pediu auxílio ao Pilico para poder acabar conosco.

TECO – Cruz credo!

MANDRIÃO – Ele garantiu que, com a ajuda do Pilico, o plano dele não falharia e que eu e você iríamos para a cucuia direto.

TECO – E o Pilico resolveu ajudar?
MANDRIÃO – Ficou de estudar o caso.
TECO – Canalha! Porém ele nada conseguirá contra nós. Você se inteirou do esquema dele?
MANDRIÃO – Não, o Manduca não abriu o jogo.
TECO – Então o que o Pilico ficou de estudar?
MANDRIÃO – Se vale a pena acabar conosco ou não.
TECO – Cruz credo!
MANDRIÃO – Como você vê, nesta altura do campeonato não adianta mais rezar...
TECO – Precisamos agir.
MANDRIÃO – Ótimo! Assim é que se fala.
TECO – Toda araruta tem seu dia de mingau.
MANDRIÃO – A alta do preço dos ovos é episódica.
TECO – É mais nobre dar um balde de sangue para um anêmico do que fazer a barba todos os dias.
MANDRIÃO – Não podemos falhar.
TECO – O caso requer ação.
MANDRIÃO – Pronta e rápida!
TECO – Então agiremos! De nossa atuação depende o nosso futuro.
MANDRIÃO – O preço da liberdade é a eterna vigilância!
TECO – O futuro da pátria repousa na juventude!
MANDRIÃO – É de pequeno que se torce o pepino!
TECO – Deus, Pátria e Família!
MANDRIÃO – A sobrevivência da cultura ocidental é um imperativo!
TECO – Precisamos incentivar o plantio do agrião!
MANDRIÃO – Só Isso dá a seu carro o máximo!
TECO – Sem dúvida! Não estamos aqui para botar azeitona na empadinha dos outros. Viva o Tratado de Tordesilhas!
MANDRIÃO – Atacaremos o inimigo!
TECO - Já!
MANDRIÃO – Agora!
(OS DOIS FICAM PARADOS. DEPOIS DE CERTO TEMPO, MANDRIÃO FALA:)
MANDRIÃO – Bom, e daí?
TECO – É melhor dar tempo ao tempo.
MANDRIÃO – Quero ação pronta e rápida.
TECO – Tem toda razão.
MANDRIÃO – Vamos à ação.
TECO – Agiremos.
MANDRIÃO – Isso você já falou.
TECO – Tem razão.
MANDRIÃO – Então vamos à prática.
TECO – Bem lembrado.
MANDRIÃO – Por onde começamos?

TECO – Pelo começo.
MANDRIÃO – Quero saber o que fazer.
TECO – Atacaremos o inimigo.
MANDRIÃO – Isso você também já falou.
TECO – Destruiremos o mal pela raiz.
MANDRIÃO – Ah, isso parece bom.
TECO – Então é ponto pacífico.
MANDRIÃO – Vamos adiante.
TECO – Vamos.
MANDRIÃO – Desembucha o plano de uma vez.
TECO – Que plano?
MANDRIÃO – De ataque ao inimigo.
TECO – Claro! Atacaremos pelos flancos. Direito e esquerdo. Pela retaguarda e pela frente. Por mais bravo que seja o inimigo não escapará ao cerco.
(PAUSA. MANDRIÃO FICA PENSATIVO.)
TECO – Que acha?
MANDRIÃO – Para ser franco, não entendi.
TECO – Mas é tão evidente! Usaremos a tática do laço húngaro.
MANDRIÃO – Bem... Isso é bom. E depois?
TECO – Depois de estrangular, é só enterrar.
MANDRIÃO – Continuo sem entender.
TECO – Puxa, é tão simples!
MANDRIÃO – Quero saber os detalhes.
TECO – Eles ficam no meio e nós em volta.
MANDRIÃO – Quero saber de que jeito isso é possível.
TECO – Aí é que complica um pouco.
MANDRIÃO – Pois trate de não complicar.
TECO – Bem... Já sei!
MANDRIÃO – Então fale.
TECO – Nosso caso é segurar o que já temos.
MANDRIÃO – Brilhante!
TECO – Obrigado. Temos que diminuir a comida e aumentar o tempo de trabalho. Aliás, um colega, eminente planejador, já dizia que, para não haver uma reversão de expectativas, o fluxo da espiral do desenvolvimento em áreas em vias de recuperação exige que surja uma interdependência e que o raciocínio seja ofuscado pela fome, que o trabalho faz esquecer.
MANDRIÃO – Pois é, pois é... Porém é justamente isso que o Pilico quer.
TECO – Atente para o detalhe: é irreversível.
MANDRIÃO – Até parece que você trabalha para ele. Ele ofereceu mais comida e menos trabalho.
TECO – Eu adoto uma campanha contra o ócio e abenço o jejum.
MANDRIÃO – Era só o que faltava. Se eles assim já acham ruim, imagine sacrificados. Nos matariam no primeiro dia.

TECO – Não, se agirmos com energia. Cerceando certas liberdades. Todos sabem que um povo com fome e liberdade rebela-se. Porém, se esse povo só tem fome, não se rebela. A História é testemunha das minhas palavras. Por exemplo, vamos impedir que eles falem com o Pilico.

MANDRIÃO – Não posso. Não tenho forças. Até a Totoca está fora da área das minhas influências.

TECO – Não creio! A Totoca sempre foi fiel ao nosso culto.

MANDRIÃO – Pra você ver como nosso culto está bagunçado.

TECO – Cruz credo! Porém não creio que a Totoca seja contra nós.

MANDRIÃO – Ela não é contra nem a favor, muito pelo contrário.

TECO – Lamentável.

MANDRIÃO – Hoje ela pegou um chapéu e saiu por aí. (SUSPIRA.) Foi trabalhar com os outros.

TECO – Com que alegação ela cometeu tal desatino?

MANDRIÃO – Disse que quer ganhar o seu próprio sustento.

TECO – Isso é louvável. São sempre uns lucrinhos a mais.

MANDRIÃO – Só você não percebe que essa tomada de posição por parte dela tem origem nessa doutrina dissolvente que ultimamente se espalhou por aí.

TECO – Absurdo! Não existe doutrina alguma.

MANDRIÃO – É verdade o que te digo. Falo com base.

TECO – Maior absurdo nunca escutei. Você confunde insatisfação dessa gentalha com movimento organizado.

MANDRIÃO – O Manduca anda com coisa na cabeça. E eu posso garantir que não é chapéu. (TECO RI COM MALÍCIA.) Também não é isso, sua besta! Ele nem casado é. Ele anda tendo idéias.

TECO – Cruz credo! Isso é grave.

MANDRIÃO – Gravíssimo!

TECO – Lamentável!

MANDRIÃO – Terrível!

TECO – Gravíssimo!

MANDRIÃO – Lamentável!

TECO – Terrível!

MANDRIÃO – Gravíssimo!

TECO – Lamentável!

MANDRIÃO – Terrível!

TECO – Gravíssimo!

MANDRIÃO – Chega!

TECO – Mas como a Totoca foi se perder?

MANDRIÃO – Foi culpa minha de certa forma. Naquela noite, depois que o Manduca conversou com o Pilico, eu percebi que ele estava muito excitado e achei que não era bom. Para aliviar a tensão, mandei a Totoca... ter com ele. Golpe tático.

TECO – Hábil. Muito hábil.

MANDRIÃO – Mas falhou.

TECO – Não diga!

MANDRIÃO – Agora já disse. Ele passou a noite toda a falar de seus fantásticos sonhos.

TECO (GRAVE) – E ela?

MANDRIÃO – Escutou.

TECO – E nada?

MANDRIÃO – E nada. (PAUSA) Que me diz?

TECO – Cruz credo!

MANDRIÃO – Diga alguma coisa inteligente!

TECO – Dada a existência, tal como é exposta nos recentes trabalhos públicos de Poisson e Wattman, um Deus pessoal quá-quá-quá de barbas brancas quá-quá-quá, fora do tempo sem extensão, que do alto da sua divina apatia, sua divina atambia, sua divina fantasia, nos ama entranhadamente, salvo algumas raras exceções. Por motivos ignorados, mas que o futuro revelará...

MANDRIÃO – Mas isso é outra peça! Você esqueceu o texto?

TECO – Esqueci o cacete! O autor da peça é o Plínio e a única forma que ele tem de dizer uma coisa inteligente é plagiando, o que por sinal está muito na moda.

MANDRIÃO – Isso é verdade. Mas o que me preocupa é que a Totoca começou a mudar e hoje culminou com a ridícula decisão de voltar ao trabalho.

TECO – Bom, eu acho que a Totoca pode ser recuperada. Mande-a passar a noite comigo.

MANDRIÃO – Para quê?

TECO – Talvez consiga convencê-la de que está procedendo mal.

MANDRIÃO – Não adianta. Ela já ouviu tudo o que você tinha pra dizer.

TECO – Não custa repetir. Você sabe, as mulheres são tão volúveis... Conversa vai, conversa vem... ela volta para o nosso lado.

MANDRIÃO – Não insista.

TECO – Mas pela causa...

MANDRIÃO – Deixa essa parte comigo.

TECO – Bem... melhor assim, menos trabalho pra mim.

MANDRIÃO – O que eu quero de você é uma forma eficiente de manter a harmonia.

TECO – Use a energia. A violência.

MANDRIÃO – Eu não posso fazer uma coisa dessas. E afinal, eu sou bom, generoso e quero o progresso de todos.

TECO – Eu sei, eu sei...

MANDRIÃO – Então trate de criar uma regra que mantenha as distâncias. Alguma coisa que faça com que eles achem justo não terem nada e eu ter tudo. (PARA O PÚBLICO) Afinal de contas, eu tenho quatro chapéus e eles,

nenhum. Se eu não emprestar os meus chapéus, eles não podem pedir esmolas.

TECO – E fui eu que criei a convenção de que é anti-higiênico pedir esmolas sem chapéu.

MANDRIÃO – E como sou bom negociante, vi que era ótimo negócio eu mesmo vender a comida, forçando-os a comprarem de mim, sob pena de dispensá-los do meu serviço, caso fossem comprar mais barato em outro lugar.

TECO – E eu criei a imagem do Deus Orongon, que impõe castigos terríveis, horripilantes, e que faz arder para sempre as almas desobedientes e, principalmente, os ladrões de chapéus.

MANDRIÃO – E todos nós progredimos.

TECO – Todos.

MANDRIÃO – Eu, por ser mais rico, conquistei a Totoca.

TECO – Muito justo. As melhores coisas para os de mais posses. E ele depois deu esmolas para os pobres. Totoca é muito dada.

MANDRIÃO – E eu, se não sou querido, sou temido.

TECO – E eu, se não sou amado, sou respeitado.

MANDRIÃO – O que vem a dar no mesmo.

TECO – E somos todos felizes!

MANDRIÃO – Éramos felizes! Até que apareceu o Pilico e começou a fazer concorrência.

TECO – E o Manduca se pôs a pensar.

MANDRIÃO – Isso é um horror.

TECO – Eles são uma ameaça para nós.

MANDRIÃO – Eles são a minha dor de cabeça.

TECO – São possuídos pelo demônio.

MANDRIÃO – São corruptos.

TECO – Não crêem em Orongon. São subversivos.

MANDRIÃO – Não existe mais paz.

TECO – É o sinal dos tempos.

MANDRIÃO – Imaginem, o Pilico quer se igualar a mim! Não se contenta com o seu chapeuzinho.

TECO – Pecador!

MANDRIÃO – Ambicioso!

TECO – Mas o caso do Manduca é mais grave. Ele não tem nem um chapeuzinho e quer progredir.

MANDRIÃO – É um mal-nascido.

TECO – Bola preta pra ele.

MANDRIÃO – A situação é grave. O Pilico, com sua concorrência, é que cria ambiente propício para a desordem.

TECO – Precisamos eliminá-lo.

MANDRIÃO – Vamos expulsá-lo do nosso bando. Porém, sem comprometer os alicerces da nossa ideologia. Por certo, eles aproveitariam a ocasião para ganhar terreno.

TECO – Agiremos de acordo com as circunstâncias. Pesaremos as consequências, analisaremos nossas possibilidades, anteveremos os resultados. E aí nossa política terá êxito.

MANDRIÃO – Assim espero.

(OUVEM-SE CANTOS FORA DE CENA.)

MANDRIÃO – Aí vêm eles.

TECO – Vamos nos esconder para ouvir o que dizem.

(ELES SE ESCONDEM. ENTRAM MANDUCA, PILICO, POPÔ E TOTOCA. VÃO CANTANDO. CADA UM TEM UM DISFARCE DE MENDIGO. MANDUCA FAZ O ALEIJADO, USA MULETAS (PRECISA DE APOIO). PILICO FAZ O HOMEM DE UM BRAÇO SÓ (QUER ESTENDER O OUTRO). TOTOCA FAZ A POSSUÍDA DA MOLÉSTIA DE SÃO GUIDO (DANÇA SEMPRE). POPÔ FAZ O CEGO (NÃO VÊ NADA). CHEGANDO NO PALCO, TIRAM OS DISFARCES E VOLTAM A SER PESSOAS NORMAIS.)

TOTOCA – Finalmente chegamos.

MANDUCA – Eles não estão.

POPÔ – É mesmo.

TOTOCA – Onde será que eles foram?

MANDUCA – Provavelmente estão pescando na beira do rio, ou batendo papo à sombra de uma árvore.

TOTOCA – Vida boa.

MANDUCA – Enquanto a gente se mata de trabalhar.

TOTOCA – Essa doença de São Guido me cansa bastante.

MANDUCA – E eu então com meu aleijão.

POPÔ – Pior sou eu, de cego. Não vejo nada. Não tenho distração alguma. E não me queixo. O Teco falou que vou ter minha recompensa no Reino de Orongon.

MANDUCA – Não é justo a gente trabalhar para eles se divertirem. Não é justo.

POPÔ – Está certo, os chapéus são deles.

MANDUCA – Está certo nada, seu idiota!

PILICO – Se vocês trabalhassem comigo, também sobraria tempo para vocês pescarem.

MANDUCA – Vocês são sempre iguais. No princípio dão vantagens, depois nos exploram.

POPÔ – Manduca, não fala mais a palavra explora. O Teco disse que quem fala essa palavra perde a graça de Orongon.

MANDUCA – Mas que Orogen, animal?

POPÔ – Orongon, o deus de que o Teco fala.

MANDUCA – Você é mesmo um imbecil! Acredita em tudo quanto é bobagem.

TOTOCA – Coitadinho do Popô!
TECO (FORA DE CENA) – O Popô está bem doutrinado.
MANDRIÃO (ÍDEM) – Mas o Manduca já é problema.
MANDUCA – Escute, Popô. Esse negócio de Orongon é pura besteira.
TOTOCA – E os demônios são os exploradores.
MANDUCA – No nosso caso, são o Mandrião e o Teco.
POPÔ – Cruz credo!
TOTOCA – Ah, eles não! Eles são tão bonzinhos.
MANDUCA – Bonzinhos na aparência. No íntimo são maus. E precisam ser eliminados.
POPÔ – Cruz credo!
TOTOCA – Não concordo. Você é um extremista. Por isso comete enganos. Mandrião é muito bom. Ele que nos permite trabalhar.
POPÔ – Com a graça de Orongon!
TOTOCA – E é esse trabalho que nos dá a independência econômica.
MANDUCA – Esse trabalho a faz cada vez mais dependente. Escrava. É preciso conquistar a liberdade a qualquer preço. Sem sentimentalismo.
TOTOCA – Eu não quero te ouvir mais.
MANDRIÃO (FORA DE CENA) – Puxa, o Manduca é um perigo.
TECO (ÍDEM) – Mas não tem apoio de ninguém.
PILICO – Escute, Totoca, o Manduca é um sectário. Agora, eu acho ótimo que você queira ser independente economicamente. E num ponto temos que dar razão ao Manduca. Ele está certo quando diz que você, trabalhando com o Mandrião, não atingirá seu objetivo.
TOTOCA – Não?
PILICO – Claro que não. As condições de trabalho que ele oferece são péssimas. Venha trabalhar comigo. Logo você vai progredir.
TOTOCA – Qual a sua proposta?
MANDRIÃO (FORA DE CENA) – Vamos intervir.
TECO (ÍDEM) – Espere! Vamos ouvir a proposta.
MANDRIÃO – Para quê?
TECO – Para cobri-la, caso seja preciso.
PILICO – As vantagens que ofereço...
MANDUCA – Um momento, Totoca.
TOTOCA – O que foi?
PILICO – Não se meta.
MANDUCA – E por que não?
PILICO – Esse assunto não lhe interessa.
MANDUCA – Naturalmente que interessa.
PILICO – Esse é um assunto particular.
MANDUCA – A Totoca é que decide se quer falar em particular com você.
TOTOCA – Eu...
MANDUCA – Lembre-se de sua reputação, Totoca. Ela pode ser abalada com essa entrevista particular.

TOTOCA – Eu...

POPÔ – Deixa o Manduca escutar. Ele também é filho de Orongon.

TOTOCA – Claro. E depois vivemos numa democracia.

MANDUCA – E o Pilico nada pode fazer para impedir que eu escute e fale. Nada.

PILICO – Afinal, somos aliados, Manduca. Sabe aquele auxílio que você me pediu? Pois estou disposto a conceder. Depois falaremos dos detalhes. Agora deixa eu fazer a minha proposta ao Popô, tão simpático...

POPÔ (RI FELIZ) – Obrigado.

PILICO – E à Totoca, tão bonita.

TOTOCA (COM DENGO) – Obrigada.

MANDUCA – Creio que a hora não é de propostas comerciais. A hora é de criar condições para que cada um tenha o seu próprio chapéu.

PILICO – Mas isso é utópico.

MANDUCA – Não é, não. Você não conseguiu o seu?

PILICO – Bem, mas no meu caso...

MANDUCA – Você é melhor do que os outros?

POPÔ – O Teco disse que perante Orongon todos os homens são iguais.

TOTOCA – Seria ótimo que cada um tivesse o seu chapéu.

PILICO – Teoricamente isso é lindo. Mas a prática nos aconselha a deixarmos isso para outra etapa.

MANDUCA – Depois que eu explicar o meu plano, você verá que já existem as condições objetivas.

PILICO – Mais vale um pássaro na mão do que dois voando.

MANDRIÃO (FORA DE CENA) – Vamos intervir.

TECO (ÍDEM) – Com muito tato.

MANDRIÃO (ENTRANDO) – Olá, meus ilustres trabalhadores!

TECO – Cansados, hoje?

MANDRIÃO – Vamos à fêria. Popô, quanto rendeu?

POPÔ – Só isso.

MANDRIÃO – Só isso?

TECO – Só isso?

POPÔ – Só.

TECO – Absurdo.

MANDRIÃO – Por que só isso?

POPÔ – Porque o Pilico e o Manduca ficaram conversando comigo e não me deixaram trabalhar.

MANDRIÃO – Você ouviu, Teco?

TECO – Popô, você sabe que quem não trabalha será castigado por Orongon?

POPÔ – Sei.

MANDRIÃO – E daí?

TECO – Por que não trabalhou?

POPÔ – Porque eles conversaram comigo.

TECO – Ah, é? O Demônio te pegará. Não tem jeito.
POPÔ – Eu não quero.
TECO – Então tem que fazer penitência.
POPÔ – Eu faço. Qual é?
TECO – Vá fazer as suas obrigações para o encantado.
POPÔ – Está bem.
MANDRIÃO (PARA O TECO) – Idiota! Isso está fora de moda. Manda ele dar as horas de descanso em trabalho para Orongon.
TECO – Depois. Agora vamos ao outro.
MANDRIÃO – Manduca, onde está a fêria?
MANDUCA – Pega.
MANDRIÃO – Só isso?
TECO – Só isso?
MANDUCA – E olhe lá!
MANDRIÃO – E por que só isso?
MANDUCA – Dia ruim.
TECO – É mentira. Olha, Manduca, quem mente se estrepa.
MANDUCA – E daí?
TECO – Bem, e daí... É que... se você mentir...
MANDUCA – Vou perder as graças de Orongon.
TECO – Isso mesmo.
MANDUCA – Já não engulo essa história.
TECO – Mas isso é um sacrilégio.
MANDRIÃO – Quero saber por que rendeu pouco.
MANDUCA – Já disse, dia ruim.
MANDRIÃO – Nós sabemos que é mentira.
TECO – Sabemos.
MANDUCA – Como? Vocês estavam lá?
MANDRIÃO – Popô disse que você conversou o dia todo com ele. Não trabalhou, nem deixou ele trabalhar.
MANDUCA – E dedo-duro não perde a graça de Orongon?
TECO – Zelar pelos interesses do patrão não é delação.
MANDRIÃO – Agora explique-se.
MANDUCA – Conversei porque não tinha para quem pedir.
TECO – Não minta.
MANDUCA – Não estou mentindo. Você não estava lá. Portanto não enche.
TECO – Vamos à penitência.
MANDUCA – Quero avisar vocês de uma coisa.
TECO – Fale.
MANDUCA – De hoje em diante, não descontem mais a taxa de Orongon das minhas comissões.
TECO – O que você disse?
MANDUCA – O que você ouviu.
TECO – Faça alguma coisa, Mandrião! Urgente!

MANDRIÃO – Manduca, sabe que isso pode lhe fazer perder o emprego?
PILICO (COM UMA TABULETA) – Precisa-se de empregados! Precisa-se de empregados!
TECO – Que sujeira!
MANDRIÃO – Falta de ética!
PILICO – Precisa-se de empregados!
MANDUCA – Então?
MANDRIÃO – Então o quê?
MANDUCA – Vou ou não ser despedido?
MANDRIÃO – Dessa vez passa. Porém você precisa produzir mais.
TECO – Muito mais.
MANDUCA – Produzo de acordo com as circunstâncias.
TECO – Vamos atender a Totoca.
MANDRIÃO – Totoca, venha cá.
TECO – Espero que tenha sido um dia rendoso, com a graça de Orongon.
TOTOCA – Só rendeu isso. (ENTREGA UM CRUZEIRO PREGADO NUMA TÁBUA.)
MANDRIÃO – Mas está ótimo! Isso é um cruzeiro forte!
TECO – Para o primeiro dia de trabalho não está mal.
MANDRIÃO – Claro que para o futuro há de melhorar. Tenho certeza. Confio na capacidade da Totoca.
TOTOCA – Obrigada.
TECO – Como é, Manduca, vamos à penitência?
MANDUCA – Eu vou jantar.
MANDRIÃO – Quem não trabalha não come.
MANDUCA – E quem não come não trabalha.
PILICO – Precisa-se de empregados!
MANDUCA – E eu trabalhei.
MANDRIÃO – Porém rendeu pouco.
TECO – Confesse-se arrependido e faça jejum.
MANDUCA – Quero saber quando se come aqui.
MANDRIÃO – Depois do trabalho.
PILICO – Precisa-se de empregados!
MANDUCA – Quando se come?
MANDRIÃO – Agora. E espero que todos vocês saibam compreender a nossa generosidade e produzam mais amanhã.
MANDUCA – Venha comer, Popô.
POPÔ – Oba!
TECO – Você, não.
TOTOCA – E por que não?
TECO – Ele vai fazer jejum para se penitenciar por ter andado em más companhias e trabalhado com negligência.
POPÔ – Mas eu estou com fome!
MANDRIÃO – Assim o Popô aprende a obedecer.

TOTOCA – Coitadinho!
MANDUCA – Não admitiremos injustiças. Se o Popô não jantar, eu e a Totoca também não jantaremos em solidariedade.
TECO – Melhor, sobra mais.
MANDRIÃO – É.
TOTOCA – Façam bom proveito.
MANDUCA – Só que amanhã não iremos trabalhar.
MANDRIÃO – Você ouviu, Teco?
MANDUCA – Nem depois, nem depois. Ou vocês nos dão jantar, conforme o combinado, ou não voltaremos ao trabalho nunca mais.
MANDRIÃO (AO TECO) – E agora, seu idiota?
TECO – A situação requer calma.
MANDRIÃO – Estou calmo.
TECO – Eles estão ganhando.
PILICO – Precisa-se de empregados!
(POPÔ E TOTOCA DÃO ALGUNS PASSOS EM DIREÇÃO AO PILICO.)
MANDRIÃO – Esperem!
MANDUCA – O quê?
MANDRIÃO – Vamos jantar.
POPÔ – Viva! Viva!
TOTOCA – Eu estou com uma fome!
MANDUCA – Camaradas! Amanhã vamos iniciar uma campanha para melhora da comida.
TOTOCA – Ótimo!
POPÔ – Viva! Viva!
(MANDRIÃO E TECO SERVEM A COMIDA.)
MANDUCA – Camaradas! Depois de amanhã iniciaremos a campanha para o pagamento de taxas menores para o chapéu.
TOTOCA – Ótimo!
POPÔ – Viva! Viva!
MANDRIÃO – Você não come, Teco?
TECO – Perdi o apetite.
MANDRIÃO – Eu também.
TECO – A situação é grave.
MANDRIÃO – Gravíssima!
TECO – A culpa é do Pilico.
MANDRIÃO – Ele está ganhando terreno.
TECO – Na aparência.
MANDRIÃO – A turma está disposta a passar para o lado dele.
TECO – Isso é chaveco. Porém, isso não lhe dará vantagens. A chantagem que estão fazendo conosco, farão com ele depois.
MANDRIÃO – E o idiota não percebe.
TECO – Precisamos esclarecê-lo.
MANDRIÃO – Vamos visitá-lo esta noite.

POPÔ – A comida estava gostosa, graças a Orongon.
MANDUCA – Agora podemos conseguir o que quisermos deles. Eles precisam de nós.
TOTOCA – É. Juntos levamos vantagens. Se eles nos despedem, têm eles próprios que trabalhar.
POPÔ – Eu comi bem. Com a graça de Orongon.
MANDUCA – Bem, vamos dormir. Amanhã será outro dia.
TOTOCA – Eu estou gostando bastante da minha nova vida. Está sendo divertida.
POPÔ – Vou rezar e depois dormir.
(POPÔ REZA E DEPOIS DORME. MANDUCA E TOTOCA DORMEM. TECO E MANDRIÃO APROXIMAM-SE DE PILICO.)
PILICO – Que querem?
TECO – Fale baixo.
MANDRIÃO – Queremos lhe falar.
PILICO – Sejam breves. Estou com sono.
TECO – Seremos rápidos.
PILICO – Então falem.
TECO – Você acha que procedeu corretamente fazendo a propaganda que fez, justamente numa hora difícil para nós?
PILICO – Mas era uma ótima hora para mim.
MANDRIÃO – Foi falta de ética de sua parte.
PILICO – Se é sobre ética que vão falar, voltem amanhã. O assunto é muito complexo e eu estou com sono.
TECO – Você acha que está ganhando popularidade?
PILICO – Ninguém pode negar que me tornei simpático.
TECO – É verdade. E eles podem passar a trabalhar do seu lado talvez amanhã mesmo.
PILICO – Amanhã ou depois. Uma questão de tempo.
TECO – Naturalmente.
PILICO – Naturalmente.
TECO – E podem vir a fazer exigências descabidas.
MANDRIÃO – E eu, a fazer propaganda que preciso de empregados.
TECO – Como vê, ética não é um assunto tão complexo.
MANDRIÃO – E precisa existir.
TECO – Convênio entre os da mesma categoria.
MANDRIÃO – Ou nos defendemos mutuamente, ou eles assumem o controle das coisas.
PILICO – Acho que vocês têm razão.
TECO – Melhor assim.
MANDRIÃO – Coopera conosco?
PILICO – Que pretendem fazer?
MANDRIÃO – Punir o Manduca.
TECO – Destruí-lo para sempre.

(PAUSA – MÚSICA)

MANDRIÃO – Que responde?

TECO – Ou está conosco, ou está contra você mesmo.

PILICO – Qual a vantagem material que levo nisso tudo?

(PAUSA)

MANDRIÃO – Não vejo o que lhe possa dar.

PILICO – Quero o Popô pelo menos.

MANDRIÃO – De jeito nenhum!

PILICO – Nada feito, então.

TECO – Esperem um pouco. Podemos fazer um outro acordo.

PILICO – Desembuche.

TECO – Um dia da semana pelo menos cedemos a Totoca e o Popô para você.

MANDRIÃO – Nada feito.

PILICO – Nessa base eu topo.

MANDRIÃO – Mas quem não topa sou eu! Minha renda já vai cair com a eliminação do Manduca. Se fico sem os outros um dia que seja, me será pesado.

PILICO – Como será então?

(TECO PEGA MANDRIÃO PELO BRAÇO E O LEVA PARA UM CANTO.)

TECO – Escuta aqui, Mandrião, o que fede mais: o excremento de um bode ou o de uma girafa angolana?

MANDRIÃO – Não sei.

TECO – Se você não entende de merda, como quer dar palpite em conchavo político? Deixa tudo por minha conta.

(TECO VOLTA PARA JUNTO DE PILICO.)

TECO – Ele empresta os dois no dia de folga deles.

MANDRIÃO – Aí, ainda vá lá.

PILICO – Também aceito.

TECO – E você, Pilico, nesse dia, desconta a taxa de Orongon e me dá.

PILICO – Claro.

TECO – Está feito o acordo?

MANDRIÃO – Feito.

PILICO – Feito.

TECO – É ótimo lidar com gente inteligente.

PILICO – Bondade sua.

MANDRIÃO – O mesmo digo eu.

TECO – Sou sincero. Todos saímos ganhando. A subversão está sufocada. E se me permitirem uma sugestão... As taxas de Orongon serão aumentadas.

PILICO – Naturalmente.

MANDRIÃO – Naturalmente.

TECO – As taxas de Orongon serão re-aumentadas.

PILICO – Manda brasa!

(MANDRIÃO TAMBÉM CONCORDA.)

TECO – As taxas de Orongon serão re-re-aumentadas.

PILICO – Com correção monetária e tudo!

(MANDRIÃO CONCORDA.)

TECO – Com as graças de Orongon! Louvado seja Orongon!

fim do primeiro ato

SEGUNDO ATO

(TODOS DORMEM, MENOS TECO E MANDRIÃO.)

MANDRIÃO – O acordo com o Pilico não me agradou.

TECO – Era a única forma de voltarmos a controlar a situação.

MANDRIÃO – Acho que no futuro ele voltará a nos criar problemas.

TECO – Primeiro cuidaremos do Manduca. Depois liquidaremos o Pilico.

Cada coisa tem seu tempo.

MANDRIÃO – O Manduca já está liquidado.

TECO – Ainda não. Temos que cortar os laços que ele criou com o Popô e a Totoca. Não podemos deixar nenhuma possibilidade para ele escapar.

MANDRIÃO – Bem lembrado.

TECO – Com o Popô será fácil, ele é estúpido. Porém com a Totoca será mais complicado.

MANDRIÃO – Que pretende fazer?

TECO – Nomeá-la uma espécie de assistente nossa. Um elemento de direção.

MANDRIÃO – Não gosto da idéia. Quando maior o número de dirigentes, mais fraca fica a direção.

TECO – A gente tem que jogar conforme o jogo.

MANDRIÃO – Mas quem dá as cartas sou eu.

TECO – Isso mais tarde. Agora o jogo requer uns blefes. Trouxemos o Pilico para o nosso lado. Trazemos o Popô e a Totoca. Liquidamos o Manduca. Depois provocamos um atrito com o Pilico e o destruiremos. E aí os outros terão que fazer o nosso jogo, ou...

MANDRIÃO – Ou?...

TECO – Serão todos destruídos.

MANDRIÃO – Destruídos todos, e quem vai trabalhar para mim, seu animal?
(PAUSA)

TECO – Bem... eu acho... que tudo sairá bem...

MANDRIÃO – Troque isso em miúdos.

TECO – Eu acho... que sem o Pilico e o Manduca por perto, Popô e Totoca voltam a ser o que sempre foram. Obedientes à lei de Orongon.

MANDRIÃO – Isso eu também acho.

TECO – Então vamos entrar em ação.

MANDRIÃO – Antes quero te avisar que, se seu plano falhar, você me pagará caro.

TECO – Se meu plano falhar, você não terá condições de cobrar nada.

MANDRIÃO (ENGOLINDO EM SECO) – Bem... Espero que tudo saia bem.

TECO – Com a graça de Orongon há de sair. E por falar em Orongon, é preciso aumentar com urgência a taxa dele.

MANDRIÃO – Maquiavel perto de você era pinto.
TECO – Obrigado. Quanto à taxa para Orongon...
MANDRIÃO – Será aumentada.
TECO – Saravá!
MANDRIÃO – Vamos agir.
TECO – Começamos pela Totoca.
(OS DOIS APROXIMAM-SE DA TOTOCA E A ACORDAM.)
TECO – Acorda, Totoca.
TOTOCA (ACORDANDO) – Ah, hoje não, estou cansada.
MANDRIÃO – Precisamos lhe falar.
TOTOCA – Audácia do bofe! Acordar a gente para falar. Não podiam esperar até amanhã?
MANDRIÃO – Não.
TOTOCA – Aconteceu algo grave?
TECO – Não, nada de grave, mas eu e o Mandrião estivemos conversando sobre você.
TOTOCA – Falavam mal, já sei.
TECO – Pelo contrário.
MANDRIÃO – Falávamos sobre o seu procedimento na hora do jantar. Sua participação naquela coisa toda.
TOTOCA – Bem, e daí? Não gostaram?
TECO – Achamos muito nobre o seu gesto. Nos comoveu ver você preocupada com a sorte do Popô. Isso agrada a Orongon.
TOTOCA – Bem, o mérito cabe ao Manduca.
MANDRIÃO – Esse não me agrada.
TECO – Nem a Orongon.
TOTOCA – Mas a iniciativa partiu dele.
MANDRIÃO – Por isso mesmo não me agrada.
TOTOCA – Não entendo.
TECO – Ele é mau. É um possuído do demônio. Serve-se da sua bondade e da estupidez do Popô para atingir seus torpes propósitos.
MANDRIÃO – Vocês são inocentes-úteis dele.
TOTOCA – Espero que vocês não tenham vindo me acordar só para me dizerem essas coisas.
TECO – Não. Ele... isto é, nós queríamos lhe dizer...
TOTOCA – Falem logo o que querem falar e me deixem dormir. Estou cansada. E amanhã precisamos iniciar a companhia de “melhor e mais comida”.
(TECO E MANDRIÃO SE ASSUSTAM. PAUSA)
TOTOCA – Vamos, falem.
(MANDRIÃO CUTUCA TECO.)
TECO – Nós queríamos lhe dizer que... você fica muito bem de papelotes.
TOTOCA (FACEIRA) – Bondade de vocês.
TECO – Não é bondade. É o que achamos. Ela não está linda, Mandrião?

MANDRIÃO – Demais.

TOTOCA – Obrigada. Não querem sentar?

MANDRIÃO – Estamos bem de pé.

TECO – Precisamos ser breves. Amanhã você tem muito o que fazer. Tem a tal campanha.

TOTOCA – É verdade. Mas sentem um pouquinho.

TECO – Já que insiste.

TOTOCA – Foi muita gentileza da parte de vocês virem me acordar para dizer que eu fico linda de papelotes.

TECO – É que sua beleza nos preocupa

MANDRIÃO – Muito.

TOTOCA – Verdade?

TECO – Verdade. E a maior prova disso é que, pensando que esse trabalho que você faz pode vir a prejudicar a sua beleza, resolvemos promovê-la.

TOTOCA – E que trabalho farei?

TECO – Um que condiga com seu coração generoso e não desgaste a sua beleza.

MANDRIÃO – E logicamente lhe dará maiores rendimentos.

TOTOCA – Isso não me preocupa muito. Trabalho apenas por gosto. Mas que terei que fazer?

MANDRIÃO – O que eu mandar.

TOTOCA – Em específico?

TECO – Como você pode constatar, vivemos numa época de crise. Ninguém dá esmolas e, muito a contragosto, nos vemos forçados a elevar certas taxas, criar outras novas e diminuir o tempo de lazer. Tudo, é claro, para o bem da comunidade. O Popô, porém, talvez não compreenda a necessidade de tais medidas. Talvez ele não possa comer todos os dias. Esse simples fato pode dar a ele uma sensação de miséria. E pessoas com essa sensação precisam de certa assistência, senão se revoltam.

TOTOCA – E vou ter que ajudá-lo a se conformar?

MANDRIÃO – Isso mesmo.

TECO – É para o bem dele. Se ele se revolta, não ganhará as graças de Orongon e nós vamos lamentar muito.

MANDRIÃO – E ter que usar violência.

TECO – O que é contra todos os nossos princípios.

TOTOCA – E quanto ao Manduca?

MANDRIÃO – Será despedido. Não nos serve mais.

TECO – Ele irá trabalhar com o Pilico. Ele ofereceu emprego a vocês, não foi?

TOTOCA – Foi.

TECO – Então o Manduca não ficará desamparado nessa hora. Graças a Orongon. Fico tranquilo. Me preocupava com a sorte desse moço. Só se o Pilico for muito sem caráter é que não lhe dará emprego.

MANDRIÃO – Aceita, Totoca?

TECO – Orongon inspire sua decisão.
MANDRIÃO – Você vai ganhar mais.
TECO – E trabalhar menos.
MANDRIÃO – Terá tempo para se divertir.
TECO – Para rezar... para cuidar da sua beleza...
(PAUSA)
TOTOCA – Aceito.
TECO – Orongon seja louvado!
MANDRIÃO – Está empregada.
TECO – Quanto à campanha que você iniciava amanhã para tratar da comida...
TOTOCA – Agora já compreendi a realidade da situação. Não vejo mais razão para essa campanha.
MANDRIÃO – Ótimo!
TECO – Orongon seja louvado!
(TOTOCA DEITA-SE E DORME. OS DOIS APROXIMAM-SE DE POPÔ. MANDRIÃO VAI LHE DANDO PONTAPÉS.)
TECO – Acorda, Popô!
MANDRIÃO (DANDO PONTAPÉS) – Acorda, vagabundo!
TECO – Viemos lhe falar em nome de Orongon.
POPÔ – Orongon seja louvado!
TECO – Estamos muito zangados com você.
POPÔ – Mas eu não fiz nada.
MANDRIÃO – Você escutou, Teco? Não fez nada.
TECO – Popô, você está cheio de pecado.
POPÔ – Cruz credo!
MANDRIÃO – E eu não quero que pecadores trabalhem para mim.
POPÔ – Mas o que eu fiz?
MANDRIÃO – Não sabe?
POPÔ – Não.
MANDRIÃO – É o cúmulo! Não sabe!
TECO – Maldita ignorância!
MANDRIÃO – Seu trabalho rendeu pouco.
POPÔ – Não foi culpa minha.
TECO – Não fez o jejum que eu recomendei.
POPÔ – Eu estava com fome.
MANDRIÃO – Negligenciou no serviço.
TECO – Ofendeu Orongon.
POPÔ – Orongon me pedoe!
MANDRIÃO – Acompanhou o Manduca em sua revolta.
TECO – Seguiu os demônios.
POPÔ – Ai, Orongon meu!
MANDRIÃO – Agora pagará pelos seus erros.
TECO – Quem semeia ventos colhe tempestade.

MANDRIÃO – Mais vale dois marimbondos voando do que um na mão.
POPÔ – Que vai me acontecer?
MANDRIÃO – Será despedido.
TECO – Orongon o abandonará.
POPÔ (COMEÇA A REZAR) – Orongon lulubabaluba...
MANDRIÃO – Não vai mais ter o que comer. (RI SARCÁSTICO.)
TECO – Orongon não o ouvirá.
MANDRIÃO – Está feita a justiça.
TECO – O pecador será castigado.
POPÔ – Que vou fazer?
TECO – Sei lá!
MANDRIÃO – Dane-se!
(PAUSA)
POPÔ (REZA DESESPERADO) – Orongon lulubabaluba...
MANDRIÃO – Anda logo com isso! Esse imbecil já me encheu a paciência.
TECO – Silêncio, ó pecador! (POPÔ ASSUSTA-SE.) Orongon, em sua infinita bondade, escutou suas preces. Dê graças a Orongon.
POPÔ – Graças a Orongon!
TECO – Orongon ordena saber de você, ó pecador, se seu arrependimento é sincero.
POPÔ – Pode dizer a Orongon que é, sim. Eu estou arrependido de verdade.
TECO – Jura?
POPÔ – Juro.
TECO – Você jura que nunca mais se revolta contra minhas ordens?
POPÔ – Juro.
TECO – Jura que nunca mais escuta o Manduca?
POPÔ – Juro! Juro! Juro!
MANDRIÃO – Nem o Pilico?
POPÔ – Juro! Juro! Juro!
TECO – E que só obedece a mim?
MANDRIÃO – E a mim!
POPÔ – Juro! Juro! Juro! Juro!
MANDRIÃO – Ótimo.
TECO – Está perdoado em nome de Orongon.
POPÔ – Eu vou ganhar as graças de Orongon?
TECO – Se não quebrar o juramento, vai.
POPÔ – E se o Manduca falar comigo?
MANDRIÃO – Você não escuta, e pronto!
POPÔ – E se eu escutar?
MANDRIÃO – Eu não deixo você trabalhar com o meu chapéu.
TECO – E eu não rezo pela sua alma.
POPÔ – Se ele falar comigo, eu não escuto, e pronto!
MANDRIÃO – Assim você vai bem.
TECO – Com a graça de Orongon.

POPÔ – Com a graça de Orongon!
(TECO E MANDRIÃO AFASTAM-SE. POPÔ BENZE-SE E COMEÇA A REZAR.
NO MEIO DA ORAÇÃO, DORME.)
TECO – Está tudo indo bem.
MANDRIÃO – Acho bom que vá assim até o fim.
TECO – Com a graça de Orongon, irá.
MANDRIÃO – Vamos ao Manduca.
(TECO E MANDRIÃO APROXIMAM-SE DE MANDUCA, QUE DORME.)
TECO – Acorda, Manduca!
MANDUCA (ACORDANDO, ASSUSTADO) – Que é?
MANDRIÃO – Boa noite.
MANDUCA – São vocês?
TECO – Como vê.
MANDUCA – Pensei que fosse pesadelo.
MANDRIÃO – Precisamos falhar-lhe.
MANDUCA – Por que não esperaram eu acordar?
MANDRIÃO – Porque eu não quis. E daí?
MANDUCA – Bem, falem logo o que querem e caiam fora.
MANDRIÃO – Viemos te avisar que você não trabalha mais com o meu chapéu.
TECO – Que Orongon se apiade de ti.
MANDUCA – E o diabo te carregue!
TECO – Cruz credo!
MANDUCA – Já falaram o que tinham para falar?
MANDRIÃO – Que pensa fazer?
MANDUCA – Não é da sua conta.
TECO – Claro que ficamos preocupados com sua sorte.
MANDUCA – Não perca o sono com essa preocupação.
MANDRIÃO – Não vai trabalhar com o Pilico? (RI.)
TECO – Ele convidou, não foi? (RI.)
MANDUCA – Vocês verão o que farei.
MANDRIÃO – Vai ser divertido.
MANDUCA – Agora sumam.
(TECO E MANDRIÃO VÃO SAINDO.)
MANDUCA – Teco! Teco!
TECO – Que você quer?
MANDUCA – Antes que me esqueça...
TECO – Que é?
MANDUCA – Você sabe remar?
TECO – Sei. Por quê?
MANDUCA – Então vá à merda de barquinho!
TECO – Cruz credo!
(MANDUCA RI. TECO E MANDRIÃO AFASTAM-SE.)

TECO – Tomaremos as 36 pastilhas de Nembutal e dormiremos sem lembrar os esgotos de Varsóvia.

MANDRIÃO – Teco, depois que conheci Freud, mamãe ficou ótima.

TECO – É por falar em bomba atômica, bum pra você!

MANDRIÃO – James Bond não é mais aquele. Palmadinhas nos zerinhos dele.

TECO – É uma brasa, mora!

(TECO E MANDRIÃO VÃO DORMIR. MANDUCA OBSERVA PARA VER SE TODOS DORMEM E, PÉ ANTE PÉ, APROXIMA-SE DE POPÔ E TOTOCA. MANDUCA ACORDA-OS.)

POPÔ – Puxa, outra vez! (VÊ MANDUCA, FICA ASSUSTADO.)

MANDUCA – Preciso lhe falar.

POPÔ – Louvado seja Orongon!

MANDUCA – Fique quieto, seu imbecil!

POPÔ – Não posso te escutar. Eu jurei. (TAPA OS OUVIDOS.)

MANDUCA – Isso não é hora de brincar.

POPÔ – Não estou brincando.

MANDUCA – Presta atenção, seu cretino.

POPÔ – Não escuto nada do que você diz.

MANDUCA – Você ficou louco? Tire a mão da orelha e presta atenção. (MANDUCA TIRA A MÃO DE POPÔ DA ORELHA.)

POPÔ – Não faça isso! Orongon lulubabaluba...

MANDUCA – Escuta, Popô. Pára com essas malditas orações!

POPÔ – Cruz credo! Eu escutei. (TAPA OS OUVIDOS DE NOVO.)

MANDUCA – Popô, por que você não quer me ouvir?

POPÔ (DESTAPANDO UM POUCO A ORELHA PARA ESCUTAR) – Porque você é um possuído dos demônios.

MANDUCA – Quem falou essa besteira?

POPÔ – O Teco e o Mandrião. Se eu escutar, perco as graças de Orongon e não como nunca mais.

MANDUCA – Isso é mentira, seu bobo.

TOTOCA (ACORDANDO) – O que é isso? Popô, acordado a essa hora, meu rapaz? Se você não dorme direito de noite, como poderá produzir amanhã no trabalho?

POPÔ – Foi o Manduca que me acordou. Eu não tive culpa.

TOTOCA – Que coisa lastimável, Manduca! Seu procedimento me choca. Por favor, não perturbe o Popô.

MANDUCA – Que há com vocês? Ficaram loucos? Eu os acordei porque aconteceu uma coisa muito séria. Deixem de brincadeira e prestem atenção.

TOTOCA – Que foi que aconteceu?

MANDUCA – O Mandrião me despediu.

TOTOCA – E por isso você acordou o Popô?

MANDUCA – Claro! A situação é grave.

TOTOCA – Não cho. E isso não é motivo para você acordar o Popô. Lembre-se que ele precisa descansar bem, para poder trabalhar bem e não ser despedido também.

POPÔ – É isso mesmo.

MANDUCA – Eu fui despedido. Você não acha isso grave?

TOTOCA – Eu, não.

MANDUCA – Pois saiba que a nossa situação é gravíssima. Eles podem também despedir vocês. Precisamos agir imediatamente. Vocês dois recusem-se a trabalhar até que o Mandrião volte a me admitir no serviço.

TOTOCA – Quem não trabalha não come.

POPÔ – Tem razão. É isso mesmo.

MANDUCA – Compensa uns dias de jejum por uma bela vitória. Nós, unidos, os venceremos com facilidade.

TOTOCA – Manduca, não seja tão egoísta. Você não há de querer que todos fiquem sem comer por sua causa, não é? Veja, seu egoísmo já está roubando horas de sono do Popô.

POPÔ – É isso mesmo.

MANDUCA – Egoísmo, uma ova! Se vocês me deixam sozinho, nós todos nos estrepamos do primeiro ao quinto.

TOTOCA – Você está muito nervoso, Manduca. Precisa tomar um calmante. Vá dormir e amanhã você estará melhor, e verá que tudo isso que você quer é besteira. Não é justo você querer arrastar o Popô e eu junto com você. Vá dormir. Nada é tão grave como parece.

MANDUCA – Eu perco o emprego e isso não é grave?

TOTOCA – Não é.

POPÔ – Não é?

TOTOCA – Ele pode ir trabalhar com o Pilico.

POPÔ – Ah, é! Você não vai passar fome.

MANDUCA – Isso é o nosso fim. Continuaremos escravos.

TOTOCA – Durma, Popô. Amanhã você tem que trabalhar. Você não quer ter a mesma sorte que o Manduca, quer?

POPÔ – Coitadinho do Manduca.

TOTOCA – É. Ele vai para o inferno.

MANDUCA – Pintado de verde e amarelo.

POPÔ – Coitado de você.

MANDUCA – Coitado de você, Popô.

(MANDUCA VAI SE AFASTANDO. TOTOCA E POPÔ VOLTAM A DORMIR. MANDUCA SE DIRIGE AO PÚBLICO.)

MANDUCA – Perdi essa batalha, porém a luta continua. O amadurecimento das condições objetivas fatalmente chegará. A classe operária triunfará e assumirá o poder, quer queira, quer não a decadente burguesia. O imperialismo norteamericano e seus títeres internos serão esmagados pela dialética irreversível da História. Amém. (PAUSA) Bem, mas agora não há outro jeito. Vou falar com o Pilico.

(MANDUCA APROXIMA-SE DO PILICO E O ACORDA.)

MANDUCA – Desculpe acordá-lo a essa hora.

PILICO – Realmente é uma hora imprópria. Eu estava no melhor do sono.

MANDUCA – Mais uma vez desculpe.

PILICO – Agora que eu já acordei, não adianta mais se desculpar.

MANDUCA – É verdade. Mas se procedi assim, é porque tenho urgência de tratar um negócio com você.

PILICO – Que negócio poderemos ter a tratar?

MANDUCA – Sobre aquele anúncio que você fez ontem sobre emprego.

PILICO – É. Aquilo foi ontem. Hoje mudei de idéia.

MANDUCA – Não entendo.

PILICO – Muito simples. Eu estava pensando em ampliar meu negócio. Porém, analisei a situação e concluí que não era hora para isso. Talvez no futuro. Já, não. (BOCEJA.)

MANDUCA – Quer dizer...

PILICO – Que aquele anúncio está sem efeito.

MANDUCA – Mas eu estou sem emprego.

PILICO – Problema seu. Aliás, muito grave. Será difícil conseguir colocação nessa época de crise.

MANDUCA – Eu aceito qualquer condição de trabalho.

PILICO – Lamento, mas não posso atendê-lo.

MANDUCA – Trabalho a troco de comida.

PILICO – Talvez no futuro isso venha a me interessar.

MANDUCA – Mas eu preciso já.

PILICO – Já, não posso. Já lhe expliquei. Porém prometo-lhe que a primeira oportunidade que tiver, me lembrarei de você.

MANDUCA – Que será de mim?

PILICO – Não faço a menor idéia. E agora, se me dá licença, preciso dormir. Boa noite. (DEITA-SE.)

MANDUCA – Espere, Pilico. Eu ainda tenho uma proposta a lhe fazer. É realmente vantajosa...

(PILICO RONCA NA CARA DO MANDUCA. PAUSA. MANDUCA FICA PENSATIVO POR UM MOMENTO. DEPOIS, SORRATEIRAMENTE, APROXIMA-SE DO CHAPÉU DE MANDRIÃO. CERTIFICA-SE QUE TODOS DORMEM. PEGA UM CHAPÉU E VAI SE AFASTANDO CUIDADOSAMENTE. PILICO FICA DE PÉ E FECHA A SAÍDA.)

PILICO – Pega ladrão!

(MANDUCA QUER FUGIR, MAS ESTÁ CERCADO POR TODOS OS LADOS.

MANDRIÃO APROXIMA-SE DE MANDUCA E ESSE ENTREGA O CHAPÉU.

MANDRIÃO AMARRA AS MÃOS DE MANDUCA E O JOGA NO CHÃO.)

MANDRIÃO – Maldito ladrão!

TECO – Graças a Orongon foi preso.

PILICO – Fiz bem em não confiar nele.

POPÔ – Xi... Ele vai perder as graças de Orongon.

TOTOCA – Pobre homem, a sua revolta o perdeu.
MANDRIÃO – Quando soube do roubo, quase tive um enfarte.
TECO – Fiquei cansado.
POPÔ – E eu, com fome.
TOTOCA – Tudo por culpa do ladrão.
PILICO – Precisamos fazer justiça.
MANDRIÃO – Será feita.
(MANDRIÃO CANTA “ATIREI O PAU NO GATO”; TECO CANTA “ALELUIA”;
POPÔ CANTA “HINO DO ESTUDANTE”. TOTOCA CANTA “CHUVAS E
BÊNÇÃOS”. PILICO CANTA “A MARSELHESA”; TODOS CANTAM JUNTOS
“QUE TUDO VÁ PARA O INFERNO”.)
MANDRIÃO – Ele será morto para sempre.
PILICO – Acho que basta amarrá-lo por algum tempo.
MANDRIÃO – Não, não basta. No dia em que ele for desamarrado, volta a
ser uma ameaça.
TECO – Sendo assim, despacha logo o criminoso para o inferno. Lá ele
receberá seu castigo. Os pecadores devem ser punidos com energia para
servirem de exemplo.
PILICO – Acho que basta amarrá-lo, já disse. Uns tempos sem comer farão
com que ele crie juízo. Depois pode voltar a ser aproveitado. Eu mesmo
posso lhe dar uma chance no futuro.
MANDRIÃO – Como dizia o grande filósofo Al Capone, os fantasmas não
enchem o saco.
TECO – Bem lembrado.
MANDRIÃO – Partindo desse princípio, quero a pena máxima
TECO – Temos homens que zelam pela sociedade, graças a Orongon!
PILICO – O crime dele não foi tão grave assim.
POPÔ – É, não foi.
TODOS – Não foi?
POPÔ – Foi ele quem disse.
PILICO – Ele só roubou um chapéu.
TECO – E isso não é grave?
MANDRIÃO – Porque não foi o chapéu dele que esse cão roubou.
POPÔ – Para quem tem muitos chapéus, não é tão grave perder um.
TOTOCA – Popô, não se mete a ter idéias!
MANDRIÃO (PARA POPÔ) – Cretino! Ingrato!
TECO – Popô, se você falar mais, vai para o inferno!
PILICO – O Popô tem razão.
TECO – Orongon o perdoe pela blasfêmia.
MANDRIÃO – Espero que o Pilico não crie caso.
PILICO – Jamais tive essa idéia.
MANDRIÃO – Ótimo!
TECO – Graças a Orongon!

MANDRIÃO – Daremos a pena máxima.
PILICO – Não, daremos a mínima.
MANDRIÃO – Você está procurando encrenca.
TECO – Restrinja-se aos seus problemas. Você nada tinha a ver com o chapéu roubado.
PILICO – Não quero ver esse homem morto. Não permito.
POPÔ – Muito bem!
TOTOCA – Não se meta, Popô. Olha que pode acontecer com você a mesma coisa que vai acontecer com o Manduca.
TECO – Orongon é terrível! Uuuuuu.....
PILICO – Você está certo, Popô.
MANDRIÃO – Você está errado, Popô.
TOTOCA – Seja bom, Popô.
MANDRIÃO – Se não for, eu tomo o seu chapéu.
TECO – E eu não rezo por você.
MANDRIÃO – E você vai passar fome.
TECO – E ficar nas profundezas.
PILICO – Tudo besteira, Popô.
TOTOCA – Não escute!
TECO – Olha Orongon...
MANDRIÃO – Olha a fome!
TECO – O demônio tem mil formas.
MANDRIÃO – A fome tem mil caretas.
PILICO – Venha trabalhar comigo.
MANDRIÃO – Ele só tem um chapéu.
PILICO – Trabalharei de manhã, você de tarde.
TECO – Ele te perde!
MANDRIÃO – Ele mente!
PILICO – Eles te escravizam!
TECO – Ele te arrasta para a perdição!
MANDRIÃO – Reflita, Popô!
TECO – Orongon te inspire!
PILICO – Resolva como quiser.
(OS TRÊS AFASTAM-SE DE POPÔ PARA QUE ELE PENSE.)
MANDRIÃO – Não falei que o Pilico ia ser problema?
TECO – Precisamos acabar com ele.
MANDRIÃO – Invente alguma coisa infalível.
TECO – Cacete!
MANDRIÃO – Mais forte.
TECO – Metralhadora!
MANDRIÃO – Mais forte.
TECO – Canhão!
MANDRIÃO – Mais forte.
TECO – Bomba atômica!

MANDRIÃO – Mais forte.

TECO – Mulheres marchadeiras!

MANDRIÃO – Bravo! Muito bem!

(TOTOCA APARECE COM TAMBOR.)

TOTOCA – Plam, rataplam, plam, plam, plam, rataplam, plam! Silêncio! Escutem todos! O demônio está nas ruas. Para destruí-lo, precisamos escutar a palavra de Orongon.

(TODOS, MENOS PILICO, APLAUDEM, GRITAM “BRAVO”.)

TOTOCA – Fale o porta-voz de Orongon.

TECO – Orongon, que está nas alturas, ordena-me a falar aos homens de boa vontade. E também aos pecadores.

(PILICO VAIA. TODOS APLAUDEM.)

TECO – O diabo está solto. Ele anda por aí fazendo promessas absurdas. É fácil reconhecê-lo. Esse demônio, disfarçado de homem, faz a ganância crescer no coração de fracas criaturas e, através dessas artimanhas, as destrói. Foi assim com o Manduca. Fez com que esse infeliz se revoltasse contra o bom Mandrião. E, depois de oferecer auxílio, negou-se a ajudá-lo, levando-o ao desespero e ao roubo. Agora a perdição espera nosso ex-irmão Manduca. Por culpa de quem? Quem o perdeu?

PILICO – É tudo mentira, Popô.

POPÔ – Sai pra lá, demo!

MANDRIÃO – Boa, Popô!

PILICO – Peço a palavra.

TECO – Fala.

(MANDRIÃO, TOTOCA E POPÔ INICIAM UMA VAIA E A TOCAR TAMBOR, IMPEDINDO PILICO DE FALAR. TECO RETOMA A PALAVRA. SILÊNCIO ABSOLUTO.)

TECO – Democráticamente demos a palavra ao demo, porém ele nada tinha a dizer. Ninguém o escutou. Viva Orongon!

TODOS – Viva! Viva!

MANDRIÃO – Ficou provado que você é tão culpado quanto o ladrão. Por isso você o defende. Só por isso.

TECO – Pena que não existe uma lei que possa punir essa gente que lança a discórdia.

MANDRIÃO – Podíamos confiscar-lhe os bens.

PILICO – Que lei protegeria esse crime?

MANDRIÃO – A lei, ora a lei! (RI.)

PILICO – E o nosso acordo?

MANDRIÃO – Desfeito.

TECO – Só fazemos acordo com Orongon.

PILICO – Isso é traição!

MANDRIÃO – Traição é o que você fez com o Manduca.

TECO – Apunhalou o infeliz pelas costas. Calabar!

PILICO – Quero julgamento para o ladrão.

MANDRIÃO – Ele o terá. Julgamento justo.
TECO – Com a graça de Orongon.
PILICO – Quando será?
MANDRIÃO – Quando for.
TECO – Agora vamos repousar.
PILICO – Canalha!
MANDRIÃO – É a mãe!
TECO – Com licença.
MANDRIÃO – Popô, você fica de guarda ao ladrão. Se ele fugir, sua cabeça vai rolar.
(TODOS DORMEM. POPÔ MONTA GUARDA AO MANDUCA.)
MANDUCA – Oi, Popô.
POPÔ – Que é?
MANDUCA – Me solta.
POPÔ – Você está louco?
MANDUCA – Eles querem me matar.
POPÔ – É. Foi o que o Mandrião falou.
MANDUCA – Então me solta.
POPÔ – Não posso.
MANDUCA – Você quer que eu morra?
POPÔ – Eu, não! Mas, se eu te soltar, você vai fugir.
MANDUCA – Claro!
POPÔ – Pois é. Daí ele me cortam a cabeça.
MANDUCA – Olhe, se você me soltar, nós matamos o Teco e o Mandrião e ficamos com os chapéus.
POPÔ – Não, não! Matar é crime. Quem mata vai para o inferno.
MANDUCA – Mas eles querem me matar.
POPÔ – Porque você roubou.
MANDUCA – Eles também roubaram nossa liberdade.
POPÔ – A minha, não!
MANDUCA – Claro que a sua também. Você é escravo deles.
POPÔ – Eu, não!
MANDUCA – É, sim. Com que chapéu você pede esmola?
POPÔ – Com o do Mandrião, é claro.
MANDUCA – E o que você ganha? Nada. Você trabalha de graça.
POPÔ – De graça, não. Ele me dá 10% do lucro.
MANDUCA – Que lucro, animal? Tudo é lucro na profissão de pedir.
POPÔ – E o emprego de capital?
MANDUCA – Que capital?
POPÔ – O chapéu. Por isso ele tira a taxa de conservação do chapéu todos os dias. O que sobra é o lucro.
MANDUCA – E o que você faz com a sua parte?

POPÔ – O Mandrião desconta a taxa para Orongon, que é para o Teco rezar por mim. E com o resto eu compro comida. Mas dá para comprar tão pouquinho...

MANDUCA – E quem vende a comida?

POPÔ – O Mandrião.

MANDUCA – Daí, todo o dinheiro fica com ele.

POPÔ – É mesmo.

MANDUCA – Ele fica cada vez mais rico e você fica cada vez mais pobre.

POPÔ – É mesmo. Mas o que ele faz com o dinheiro?

MANDUCA – Bem, ele compra comida, roupa, sapato, charuto...

POPÔ – Gente...

MANDUCA – Popô, não se meta a ter idéias. Você precisa só dizer o que está no texto.

POPÔ – Tá bom. O que você quer que eu faça?

MANDUCA – Me solta.

POPÔ – Não posso. Vou trabalhar com o Pilico.

MANDUCA – Que lucro você vai ter lá? Nenhum.

POPÔ – Como nenhum? Eu vou trabalhar com o chapéu dele sem pagar nada. Ele falou.

MANDUCA – Ele não disse isso. Ele disse que você trabalhava de manhã e ele, de tarde.

POPÔ – Pois então. Ele não falou em taxa.

MANDUCA – Oh, idiota! Ele entra com o chapéu, você, com o trabalho, e vão ganhar igual?

POPÔ – Vamos.

MANDUCA – Não, não, não! Ele vai te fazer sócio nessa base: o que você ganhar com o seu trabalho, vai dar pra ele até pagar a metade do chapéu. Ele vai te vender comida a prazo, porque você não vai poder comprar à vista. Logo, você vai passar a vida toda com dívida para com ele. E quem deve é escravo.

POPÔ – Mas um dia eu serei proprietário do meu chapéu.

MANDUCA – Nunca. Você não conseguirá pagá-lo nunca. Se você trabalhar mais, ele aumentará as taxas.

POPÔ – Será?

MANDUCA – É. Que ganho mentindo?

POPÔ – Acho que nada.

MANDUCA – Então me solta.

POPÔ – Não sei se devo.

MANDUCA – Claro que deve. É a única forma de deixar de ser escravo deles.

POPÔ – Eu não sou escravo.

MANDUCA – É, sim, Popô! Você não trabalha com o chapéu deles?

POPÔ – Trabalho, sim.

MANDUCA – Você não acredita no Deus deles?

POPÔ – Acredito, sim.
MANDUCA – Então você é escravo deles.
POPÔ – Eu não sou escravo!
MANDUCA – É, sim, Popô! Você tem fome?
POPÔ – Se eu tenho fome?
MANDUCA – É, Popô. Você tem fome?
POPÔ – Tenho.
MANDUCA – E você come sempre que você tem fome?
POPÔ – Não, só às vezes.
MANDUCA – E é só às vezes que você tem fome?
POPÔ – Não, toda hora.
MANDUCA – E por que você não come toda hora?
POPÔ – Porque eles não deixam.
MANDUCA – Então você é escravo deles.
POPÔ – Eu não sou escravo!
MANDUCA – É, Popô.... Me solta!
POPÔ – Bem... eu...
MANDRIÃO - Popô!
POPÔ – Que foi?
MANDRIÃO – O ladrão fugiu?
POPÔ – Não! Não!
MANDRIÃO – Ótimo! Acorde o Teco e a Totoca. Vamos julgar e matar o ladrão.
POPÔ – Acorde, Teco! Acorde! O Mandrião quer julgar e matar o ladrão.
TECO – Ah, sim. Mas precisamos rezar primeiro.
MANDRIÃO – Para quê?
TECO – Para que Orongon nos inspire no julgamento do ladrão.
MANDRIÃO – Eu acho bobagem, porque ele vai ser morto de qualquer jeito. Mas, se você quer rezar, reze.
TECO - Obrigado. Ajoelhem-se. (TODOS AJOELHAM-SE. TECO FAZ GESTOS COM A MÃO.) Fiquem de pé. (TODOS OBEDECEM. TECO FAZ GESTOS DE PADRE.) Ajoelhem-se de novo. (OBEDECEM. TECO FAZ NOVOS GESTOS.) Pronto. Podemos julgá-lo em nome de Orongon.
PILICO – Ou matá-lo em nome de Orongon!
TECO – Pronto, o desmancha-prazeres acordou.
MANDRIÃO – Vê se não dá palpite!
TOTOCA – O ladrão está dormindo!
MANDRIÃO – Então não precisa de julgamento. Vamos matá-lo.
TECO – Deixa eu benzê-lo.
MANDRIÃO – Ele está dormindo. Não vai saber se foi benzido ou não.
TECO – É mesmo.
PILICO (ACORDANDO MANDUCA) – Ei, acorda!
MANDUCA – Que querem?
TOTOCA – O ladrão acordou.

PILICO – Agora terão que fazer julgamento.
MANDRIÃO – Aumentou nosso serviço.
TECO – Ele sempre complica tudo.
MANDRIÃO – Bem, vamos ao julgamento. Eu serei o promotor, o Teco, o juiz, Popô, o advogado de defesa e a Totoca, o júri.
PILICO – E eu?
MANDRIÃO – Você não pode nem assistir.
PILICO – Por que não?
MANDRIÃO – Você não tinha nada com o chapéu roubado.
PILICO – Vou ser o advogado de defesa.
MANDRIÃO – Já é o Popô.
PILICO – Quem escolhe é o réu. Manduca, quer que eu te defenda? Eu te solto. Você vem ser meu sócio. Trabalharemos com o mesmo chapéu. Diz que sim, anda!
MANDUCA – Nunca!
PILICO – Eles te matam!
MANDUCA – Dane-se!
PILICO – A morte é o fim!
MANDUCA – Vá à merda!
PILICO – Eu te liberto, te livro deles para sempre!
MANDUCA (DANDO UMA BANANA PARA PILICO) – Ó pra você!
MANDRIÃO – Chega! Audiência encerrada.
PILICO – Tem muita bolinha na cuca.
MANDRIÃO – O Popô será o advogado de defesa. O réu deixou correr o caso à revelia. Quem nomeia o advogado dele sou eu. Só para ele não dizer que não teve quem o defendesse.
TECO – Tem início a sessão. Fale o promotor.
MANDRIÃO – Antes de começar, quero avisar que, se você, Popô, apresentar algum argumento em favor do ladrão, eu lhe tomo o chapéu.
TECO – E eu não rezo por você.
MANDRIÃO – Você, Totoca, terá que considerá-lo culpado. E você, Teco, já sabe que tem que dar a pena máxima. Estão de acordo?
TODOS – De acordo.
MANDRIÃO – Este ladrão trabalhava na profissão de pedir com um chapéu de minha propriedade. E abusou da minha confiança, tentando roubar o chapéu. Felizmente foi preso e agora, de acordo com a lei, vai ser morto, porque eu não confio mais nele. E quando eu não confio mais numa pessoa, ela não mais tem serventia, e é justo que morra.
TECO – Justo porque não tem fé em Orongon. Tem a palavra o advogado de defesa.
(POPÔ VAI FALAR.)
MANDRIÃO – Se falar, tomo o seu chapéu!
(POPÔ RECUA.)
MANDUCA – Fale, Popô, você sabe que sou inocente.

(POPÔ VAI FALAR.)

TECO – Se falar, não rezo por você.

(POPÔ RECUA.)

MANDUCA – Vamos, Popô! Se você se omite, serei morto.

(POPÔ VAI FALAR.)

TOTOCA – Popô, não arrume encrenca para você.

(POPÔ RECUA.)

MANDRIÃO – Vamos adiante.

TECO – Júri, fale!

TOTOCA – Culpado.

TECO – Atenção para a sentença. (PAUSA) Quem rouba é ladrão e não merece confiança. E quem não merece confiança deve morrer para sossego do próximo. Em nome de Orongon, eu o condeno à morte.

(SILÊNCIO)

MANDRIÃO – Meus parabéns! Foi uma sentença inspirada por Orongon!

TECO – Ora, ora... Com tal promotor, todos os réus são condenados.

PILICO – Não devemos esquecer que o Popô esteve brilhante na defesa.

(MANDRIÃO E TECO PIGARREIAM.)

MANDRIÃO – Bem, agora é preciso matá-lo.

TECO – Então vamos!

(TODOS COMEÇAM A MALHAR MANDUCA. NÚVENS DE SERRAGEM.)

MANDUCA (ANTES DE CAIR) – Está bem. Vocês ganharam esta batalha. Podem me matar. Mas a idéia de que cada um deve ter seu chapéu vocês não conseguirão sufocar nunca. (ACABA DE FALAR E MORRE.)

(POPÔ FICA EM POSE CLÁSSICA DE PENSADOR POR ALGUNS INSTANTES. DEPOIS, LEVANTA-SE, RECOLHE OS CHAPÉUS E ATIRA-OS PARA O PÚBLICO. TODOS O CERCAM AMEAÇADORAMENTE.)

POPÔ (PARA TECO) – E agora?

(TECO OLHA AMEAÇADORAMENTE. POPÔ COMEÇA A RIR, ATÉ GARGALHAR, E TODOS, RINDO E GARGALHANDO, CONTORCENDO-SE DE RISO, ESPERAM O PANO CAIR.)

fim